

“QUAL É O PESO DO ESTUPRO?”: problematizando violências de gênero a partir da série *THE BOLD TYPE*

Eugèrbia Paula da Rocha¹

Lara Torrado²

Luis Felipe Hatje³

Resumo: Este estudo tem como objetivo problematizar, por meio do artefato cultural *The Bold Type*, sentidos e significados construídos acerca de violências sexuais em distintos espaços socioculturais, bem como desnaturalizar diferentes modos de (re)produção desses abusos. Situado no campo dos estudos de gênero e dos estudos culturais pós-estruturalistas, buscamos questionar as desigualdades e violências através da problematização de artefatos culturais. Os procedimentos metodológicos envolveram a análise de narrativas desencadeadas por personagens previamente selecionados. Os resultados indicaram que as cenas apresentadas representam uma realidade vivenciada por muitas mulheres na sociedade contemporânea, evidenciando violências sexuais, assédios e estupros como parte de seu cotidiano. Outro aspecto destacado foi a contribuição da virilidade masculina, do machismo, da masculinidade tóxica e da naturalização da cultura do estupro para a disseminação e (re)produção dessas violências. A culpabilização da vítima também se mostrou um problema recorrente em casos de estupro, uma vez que muitos agressores tentam justificar seus atos responsabilizando a vítima pelo abuso sofrido. Desse modo, concluímos ressaltando a necessidade de desconstruir os machismos e desnaturalizar a cultura do estupro e as violências para construção de um mundo mais justo e menos desigual.

Palavras-chave: Artefatos culturais; Feminismos; Violências de gênero.

"WHAT'S THE WEIGHT OF RAPE?": discussing gender violence through the series *THE BOLD TYPE*

Abstract: This study aims to explore, through the cultural artifact *The Bold Type*, the meanings and interpretations built around sexual violence in different sociocultural contexts, as well as to challenge the normalisation of various ways these abuses are (re)produced. Positioned within gender studies and post-structuralist cultural studies, we seek to question inequalities and violence through the analysis of cultural artifacts. The methodology involved examining narratives triggered by pre-selected characters. The results indicated that the scenes shown reflect a reality experienced by many women in contemporary society,

¹ Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), vinculada a linha de pesquisa Educação em Ciências e Matemática. Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU), pelo Instituto de Educação da Universidade Federal do Rio Grande - (FURG), vinculada à linha de pesquisa Culturas, Identidades e Diferenças. Graduada em Licenciatura em Pedagogia. Graduada em Licenciatura em Biologia pela Universidade Federal do Cariri (UFCA) (2021). Graduada em Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Naturais e Matemática pela Universidade Federal do Cariri (2018). Especialista em Educação Para Sexualidade pela Universidade Federal do Rio Grande- FURG (2025). Especialista em Biologia e Química pelo Centro Universitário de Juazeiro do Norte (UNIJUAZEIRO) (2021). Especialista em Desenvolvimento e Inovação pela Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS). Especialista em Ciências e Matemática.

² Doutora em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Psicóloga graduada pela mesma universidade. Membro do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola - Gese/Furg. Membro do Movimento Psicanalítico Sul Catarinense.

³ Doutor em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Mestre em Direito e Justiça Social e em Educação em Ciências e Especialista em Abordagem Multidisciplinar em Dependência Química pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Advogado. Integrante do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola (GESE).

highlighting sexual violence, harassment and rape as part of their everyday lives. Another key point was the contribution of male virility, machismo, toxic masculinity and the normalisation of rape culture to the spread and (re)production of these violences. Victim blaming also emerged as a recurring issue in cases of rape, as many perpetrators try to justify their actions by putting the blame on the victim for the abuse suffered. In this way, we conclude by emphasising the need to deconstruct machismo and to denormalise rape culture and violences to build a fairer and less unequal world.

Keywords: Cultural artefacts; Feminisms; Gender-based violences.

1 INTRODUÇÃO

Este estudo tem como principal objetivo problematizar, por meio da série *The Bold Type*, a qual entendemos enquanto um artefato cultural, os sentidos e significados construídos acerca das violências de gênero e sexuais em distintos espaços socioculturais, bem como desnaturalizar seus diferentes modos de (re)produção. Desse modo, para elencar as discussões sobre as violências de gênero, no decorrer do estudo serão apresentados alguns apontamentos sobre a série *The Bold Type*, lançada na plataforma Netflix. A série aborda questões como: sororidade, políticas de combate às violências e às revoluções diárias na luta contra o machismo, o estupro e as violências em diferentes contextos socioculturais.

Nesse contexto, compreendemos que os artefatos culturais constituem ferramentas pedagógicas potentes nos processos de ensino e aprendizagem. Eles veiculam uma variedade de saberes e práticas que atuam na produção de identidades e diferenças, englobando materiais pedagógicos, como livros, apostilas e cartilhas, além de peças publicitárias, músicas, redes sociais, videocliques, charges, revistas, jornais, programas televisivos e radiofônicos, entre outros. Assim, artefatos são resultados de processos de construção cultural, contendo pedagogias culturais que ensinam modos de ser e estar no mundo, construindo e reproduzindo significados sociais (Magalhães, Ribeiro, 2013; Silva, 2015).

As pedagogias culturais circulam por lugares não formais, os quais também ensinam. De acordo com Paula Andrade e Marisa Vorraber Costa (2015), as pedagogias culturais podem ser compreendidas como ferramentas teóricas e produtivas, formadas por processos educativos, que, mesmo sem a intenção de ensinar, veiculam saberes e práticas na produção das identidades e das diferenças. As pedagogias culturais circulam nas mídias, no espaço da escola, nas artes, em espaços religiosos, entre outros lugares onde a cultura é vivida e compartilhada, e assim, possibilitam promover reflexão sobre as

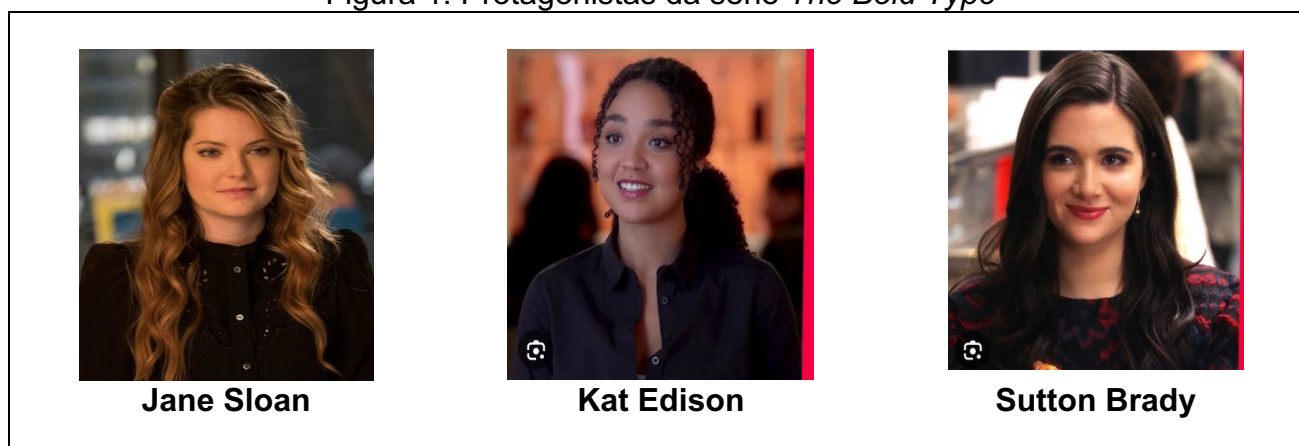
Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	2026 - Vol. 17 - Número 1
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	rev.edu.cult@cesg.edu.br

desigualdades, as quais, aliadas a diferentes fatores e classes sociais, causam exclusão e, conseqüentemente, disseminam violências de gênero na sociedade (Andrade; Costa, 2015).

Dessa forma, *The Bold Type* constitui um artefato cultural que (re)produz significados e possíveis articulações com os feminismos e as violências de gênero, sobretudo, com as violências sexuais – foco deste trabalho. A série traz em seu enredo três protagonistas centrais (Figura 1); **Jane Sloan** (Katie Stevens), uma jornalista recém-formada, entrou na revista ainda como estagiária e, após alguns anos, foi promovida ao cargo de redatora, um dos mais importantes da famosa agência de revista, ambiente onde acontece grande parte do enredo da série; **Kat Edison** (Aisha Dee), uma jovem negra, ativista e diretora das mídias sociais da revista, apaixonada pela vida, extremamente animada e ousada, vive uma série de descobertas ao longo dos episódios, inclusive sobre sua sexualidade; e **Sutton Brady** (Meghann Fahy), que inicia a trama como secretária, enquanto sonha em ingressar no ramo da moda.

Cabe destacar também, a personagem secundária Mia Lawrence (Janny Brizard), apresentada na primeira temporada. Embora apareça em poucos episódios, sua participação ganha centralidade no décimo episódio, quando sua narrativa se articula diretamente às das protagonistas. Mia é uma jovem ativista feminista e sobrevivente de violência sexual que decide romper o silêncio ao denunciar publicamente a agressão sofrida. Sua trajetória evidencia os impactos individuais e coletivos da violência sexual, os desafios enfrentados pelas vítimas para serem ouvidas e acreditadas, bem como a importância das redes de apoio e da sororidade entre mulheres.

Figura 1: Protagonistas da série *The Bold Type*



Fonte: Google Imagens (on-line).

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	2026 - Vol. 17 - Número 1
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	rev.edu.cult@cesg.edu.br

Apesar de suas particularidades e individualidades, as protagonistas constroem uma rede de apoio, unindo-se diante das decisões que cada uma precisa tomar, seja em sua vida pessoal ou profissional. Sempre que uma delas tem questões, problemas ou novidades, as três se reúnem no “armário da moda”, (uma espécie de *closet* localizado em uma sala reservada da agência da revista) para conversar. Através dessas três funcionárias da revista *Scarlett* desenvolvem-se temas a serem abordados em cada episódio, a maioria em forma de pauta que vai estampar as páginas da revista. Assim, o longa-metragem busca apresentar e problematizar o empoderamento de mulheres e a sororidade feminina, aprofundando temáticas sociais importantes, como saúde da mulher, racismo, sexualidade, misoginias, violências psicológicas, lesbofobia, transfobia, violência patrimonial e afins. Além disso, mostra alguns dilemas da vida de muitas mulheres, como a inseguranças nos relacionamentos e na autoestima, o processo de autorreconhecimento, o direito da escolha pela maternidade e a sobrecarga exaustiva de trabalho para alcançar reconhecimento na carreira profissional.

De acordo com Babi Souza, sororidade pode ser compreendida como a “união e a aliança entre mulheres baseadas na empatia e companheirismo, em busca de alcançar objetivos em comum” (2016, p. 1), como o reconhecimento das múltiplas feminilidades, tornar-se consciente dos seus direitos, em uma sociedade que, infelizmente, permanece marcadamente patriarcal. Assim, a sororidade contribui para o apoio e fortalecimento mútuo das mulheres, com a intenção de gerar uma mudança real na sociedade, para que juntas possam desconstruir misoginias, práticas sexistas, e desestruturar o patriarcado e os machismos que nutrem as desigualdades e violências de gênero, tanto na escola, quanto nos espaços sociais (Souza, 2016).

A série coloca em evidência a realidade sócio cultural contemporânea, na qual as violências de gênero se fazem presentes, afetando a vida de muitas pessoas, sobretudo, as mulheres e a comunidade LGBTQIA+. De acordo com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública⁴, os índices de violências contra as mulheres no Brasil têm apresentando um crescimento significativo nas últimas décadas. Entre 2014 e 2024, foram registradas 43.336 mulheres assassinadas no país. Além disso, os dados indicam um aumento nos casos de feminicídio, com 1.492 registros em 2024 e 1.568 em 2025,

⁴ Anuário Brasileiro de Segurança Pública / Fórum Brasileiro de Segurança Pública. – 1 (2006)- . – São Paulo: **FBSP**, 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>. Acesso em: 5 set. 2026.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	2026 - Vol. 17 - Número 1
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	rev.edu.cult@cesg.edu.br

configurando um cenário alarmante em que, aproximadamente, uma mulher é morta a cada quatro horas no país.

Vale ressaltar um recorte em termos de raça/cor das mulheres vítimas de violência letal no país, o qual reafirma os elementos de racismo perpassando todas as modalidades criminosas, pois os dados mostram que, dentre as vítimas de feminicídios, 61,1% eram mulheres negras e 38,4% brancas. Esse fator evidencia a desigualdade racial como um agravante para essa situação de vulnerabilidade das mulheres. Outro aspecto que chama atenção são as violências sexuais, visto um crescimento alarmante, chegando a um aumento recorde de 91,5% nos últimos 13 anos. Segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, o Brasil atingiu um novo marco em casos de estupros e estupros de vulneráveis consumados no ano de 2023, com 83.988 vítimas e 41.378 crimes de importunação sexual, sendo uma mulher estuprada a cada seis minutos.

Diante do contexto de violências retratado pelos dados apresentados, justifica-se a necessidade de problematizar as desigualdades de gênero que contribuem para o aumento das violências contra as mulheres, nos distintos espaços socioculturais. Nessa direção, apresentamos algumas questões norteadoras da pesquisa: *de que modos às violências de gênero estão sendo abordadas no episódio 10, da primeira temporada, da série The Bold Type? Como as violências sexuais são visibilizadas no artefato cultural The Bold Type e refletem no contexto da sociedade atual?*

A fim de problematizar e de responder a esses questionamentos, no decorrer deste trabalho, o artigo organiza-se nos seguintes blocos: no primeiro, apresenta-se o problema de pesquisa articulando com o artefato cultural escolhido, a série *The Bold Type*, os objetivos e as questões de pesquisa. No segundo, há breve discussão sobre os campos de estudo e os conceitos centrais aos quais se ancoram a pesquisa, dialogando com autoras da perspectiva pós-estruturalistas, dentre as quais destaco: Judith Butler (2003; 2018), Guacira Louro (2004; 2017), Dagmar Meyer (2004; 2008; 2009; 2013), Simone de Beauvoir (2014). No terceiro, são descritos os caminhos metodológicos e problematizadas algumas cenas da série destacando as principais narrativas das personagens que se relacionam com as violências de gênero e, por último, tecidas as considerações finais.

2 PROBLEMATIZANDO AS VIOLÊNCIAS DE GÊNERO A PARTIR DOS ESTUDOS CULTURAIS PÓS-ESTRUTURALISTAS E DOS ESTUDOS FEMINISTAS

Inspirada no campo dos Estudos Culturais (ECs), na perspectiva pós-estruturalista e nos estudos feministas, elencamos, nesta pesquisa, algumas problematizações acerca das desigualdades e violências de gênero. Nesse contexto, ECs pós-estruturalistas, constitui um campo de estudo inter/transdisciplinar que operam com uma noção ampliada de “cultura” de modo a tornar possível estender o pedagógico para além dos muros das escolas, considerando diferentes artefatos no desenvolvimento de pedagogias e produção de sujeitos. De acordo com Tomaz Tadeu da Silva, a cultura “é um campo de produção de significados no qual os diferentes grupos sociais, situados em posições diferenciadas de poder, lutam pela imposição de seus significados à sociedade mais ampla” (Silva, 2015, p. 133). Assim, a cultura está envolvida no processo de constituição dos sujeitos e das relações sociais, englobando, sobretudo, assimetrias nas relações de gênero que delimitam posições sociais.

Cabe destacar que, no âmbito da cultura, a mídia ocupa um lugar central (re)produtor de representação de masculinidades, feminilidades, desigualdades e violências, visto que a cultura delimita posições dos sujeitos fundamentadas por meio de instâncias sociais, dentre elas, as mídias. Assim, compreende-se que os processos de subjetivação dos sujeitos estão atravessados por processos educativos além dos espaços de instituições tradicionais de ensino, incluindo pedagogias culturais (Baliscei; Calsa; Jordão, 2016). Desse modo, as pedagogias culturais, aliadas a distintos artefatos, possibilitam refletir sobre discursos misóginos e essencialistas que vêm sendo (re)produzidos acerca das violências sexuais em diferentes instâncias socioculturais.

Ao situar a vertente pós-estruturalista como perspectiva teórica nesta pesquisa, destacamos sua centralidade na linguagem para ressignificação do mundo, ampliando-se o olhar investigativo para entender “como?”, “em que contexto?” e em “quais condições?” se constituem os regimes de verdades, bem como questionam-se os modos em que as redes de relações de poder estão envolvidas com as produções das desigualdades e diferenças (Meyer, 2014, p. 59). Ao assumir os estudos feministas na perspectiva pós-estruturalista, problematizam-se as desigualdades e violências sexuais. A partir da compreensão do conceito de gênero como uma construção sociocultural, é possível

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	2026 - Vol. 17 - Número 1
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	rev.edu.cult@cesg.edu.br

questionar as “diferenças sexuais” e a noção de “papéis sexuais”, que estabelecem posições sociais desiguais para homens e mulheres (Furlani, 2007; Meyer, 2004).

Nesse rumo, o conceito de gênero problematiza as diferenças entre homens e mulheres, questionando os limites do sexo biológico e problematizando as posições de sujeitos e de processos sociais, culturais e linguísticos que nomeiam seus corpos como sexuados e generificados, apontando uma distinção entre masculino e feminino, e instituindo a noção de “papéis sexuais”. Os gêneros constituem formas múltiplas de vivenciar as masculinidades e as feminilidades, ou ainda as não binariedades, ao longo da vida dos sujeitos, como um processo provisório, não harmonioso, mutável e inacabado, passível de transformação (Meyer, 2013; Louro, 2004).

Para Butler, o conceito de gênero construído culturalmente e o sexo naturalmente adquirido formaram as bases iniciais das teorias feministas, que defendiam uma perspectiva “desnaturalizadora”, à qual se associava a submissão e a fragilidade feminina para justificar preconceitos. A filósofa questiona a premissa que origina sexo/gênero; conceitos nos quais o sexo é natural e o gênero é construído culturalmente (Butler, 2018). Além disso, vale destacar que considerar a identidade da pessoa a partir da premissa dessa classificação binária estabelece diversas variáveis que levam a um quadro de violência sexual sistêmica contra a mulher, favorecendo, inclusive, a cultura do estupro, além de reforçar a dominação masculina e a subordinação feminina (Garcia, 2018). É nesse sentido que, neste estudo, a série *The Bold Type*, por meio das narrativas das personagens, possibilita problematizar as relações de poder que contribuem para as desigualdades de gênero e favorecem a (re)produção das violências sexuais.

Nessa tentativa de desnaturalizar o gênero, Butler propõe repensar as restrições da teoria feminista ao representar a categoria mulher como sujeito “universal”, a partir de interlocuções com Simone de Beauvoir (1980, p.09), partindo da emblemática frase de que “ninguém nasce mulher, torna-se mulher” em seu livro “o segundo sexo”, pressupondo que o gênero se configura nas relações culturais. Entretanto, para Butler, nada assegura que o sujeito que “se torna mulher” seja necessariamente “fêmea”. Ao problematizar a categoria “mulheres”, a autora demonstra que, mesmo utilizada no plural, ela não contempla todas as experiências e formas de ser mulher, como é o caso das mulheres trans (Butler, 2018). Assim, a teoria pós-estruturalista contrapõe-se, a dicotomia ou binarismo de gênero ao apontar que os gêneros são múltiplos e instáveis. Posto que

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	2026 - Vol. 17 - Número 1
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	rev.edu.cult@cesg.edu.br

há múltiplas formas dos sujeitos expressarem suas masculinidades e feminilidades de formas fluidas por meio de comportamentos e relações sociais (Lauretis, 1994).

Ao relacionar o conceito de gênero aos movimentos feministas contemporâneos, Guacira Louro (2017, p. 56) problematiza a noção de “papéis sexuais”, “padrões normativos” e as relações de poder, que definem modos de andar, de vestir e de se comportar socialmente para homens e mulheres. Para a autora, “os feminismos e feminilidades (bem como as masculinidades) se fazem, portanto, através de repetição de atos, gestos e modos; através da estilização dos corpos” (ibidem, 2017, p. 56). Assim, as identidades dos sujeitos são construídas a partir das práticas sociais, atravessadas por diferentes discursos, símbolos e representações em interações de distintos grupos, raças, classe e etnias, que “fabricam os sujeitos” (Louro, 2017).

Cabe destacar que, neste estudo, entendemos que as violências são inscritas e naturalizadas no âmbito de relações de poder. Dagmar Meyer (2009), ao discutir as questões das violências, desloca a discussão das violências de gênero para as relações de poder de gênero, recorrendo às distinções pontuadas pelo filósofo francês Michel Foucault. Para o autor, uma relação de poder é definida por uma ação que não opera diretamente/imediatamente sobre os/as outros/as: “[...] O poder atua sobre as ações dos outros: uma ação sobre outra ação, naquelas ações existentes ou naquelas que podem se engendrar no presente ou no futuro” (Foucault, 1999, p. 12). Assim, as relações de poder são capilares e relacionais, não possuem um centro, espalham-se em todas as direções, são exercidas na horizontalidade e no exercício da ação sobre a ação do/a outro/a, (se este/a for livre), sem relação de dominação (Meyer, 2009). Para Foucault;

uma relação de violência age sobre um corpo, sobre as coisas. Ela força, ela submete, ela quebra, ela destrói; ela fecha todas as possibilidades; não tem, portanto, junto de si, outro polo senão aquele da passividade; e, se encontra uma resistência, a única escolha é tentar reduzi-la (Foucault, 1994, p. 243).

Nesse sentido, a relação de poder não opera como mecanismo repressivo, muito menos destrutivo, mas produtivo, que cria estratégias e possibilidades, que potencializa, desobrigando a violência. Já a relação de violência é compreendida como saturação e abuso do poder, que age sobre um corpo e fecha todas as possibilidades de resistências e reações, restando apenas à passividade (Foucault, 1994). A partir dessa

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	2026 - Vol. 17 - Número 1
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	rev.edu.cult@cesg.edu.br

contextualização entre poder e violência proposta por Foucault, podemos compreender que a violência sexual se trata, portanto, de um ato cujo escopo é a manutenção de uma relação de violência, uma vez que não busca produzir sujeitos ou ampliar possibilidades de ação, mas impor a vontade de um indivíduo sobre o corpo de outro por meio da coerção, da força ou da ameaça.

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), a violência sexual é definida como qualquer ato ou insinuações sexuais indesejadas, ou ações para comercializar ou usar de qualquer modo a sexualidade da pessoa por meio da coerção de outra, independentemente desta relação com a vítima, podendo ocorrer no lar, ambiente de trabalho ou em qualquer outro lugar. Ou seja, a violência sexual tem como resultado um dano ou sofrimento físico, sexual, psicológico, a partir de um ato coercitivo e que, de algum modo, priva a liberdade da vítima sobre o próprio corpo.

Sob esse viés, os feminismos compreendem uma luta por equidades de gênero, e reivindicam os direitos sociais e políticos das mulheres com a intenção de romper com as desigualdades sociais, proporcionando discussões e questionamentos acerca dos lugares sociais aos quais as mulheres foram historicamente submetidas. Além disso, os feminismos buscam melhores condições de possibilidades de existência das mulheres nos diferentes contextos socioculturais, para diminuir as violências, desigualdades de gênero e sociais, visando à construção de um mundo mais equitativo e menos desigual (Adichie, 2017, Meyer, 2008; Pinto, 2010).

3 ENSAIANDO OS CAMINHOS METODOLÓGICOS: COMO E PARA QUE PROBLEMATIZAR?

Ao transitar pelos campos teóricos dos Estudos Culturais e pós-estruturalistas, é importante entender que essas vertentes não possuem um “receituário” ou uma metodologia rígida, com um trajeto fechado para as práticas investigativas (Maria Isabel Bujes, 2002). Dagmar Meyer e Marlucy Paraíso (2014, p. 17) explicam que “a metodologia deve ser construída no processo de pesquisa e de acordo com as necessidades colocadas no objeto de pesquisa”. Dessa forma, para analisar algumas pedagogias culturais da série *The Bold Type*, elencamos narrativas de algumas personagens relacionadas ao nosso tema de estudo, as violências de gênero, para discutir e problematizar diferentes modos de (re)produção.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	2026 - Vol. 17 - Número 1
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	rev.edu.cult@cesg.edu.br

Assim, foram escolhidos trechos das narrativas da série, ilustrados por meio das cenas, de forma que dialoguem com diferentes autores/as já citados. A partir de cenas narrativas, buscamos problematizar que saberes e práticas, sentidos e significados são atribuídos às violências em distintos contextos socioculturais. O quadro abaixo apresenta uma descrição sobre o artefato cultural escolhido.

Quadro 01: Descrição da Série

Material analisado	
Tipo de material	Série
Título original	<i>The Bold Type</i>
Gênero	Comédia e drama
Ano	2017-2021
Local de lançamento	Estados Unidos
Idioma	Inglês
Criação	Sarah Watson
Duração	5 temporadas (T)
Episódios (Ep)	T1: 10 Ep. T2: 10 Ep. T3: 10 Ep. T4: 16 Ep. T5: 6 Ep.

Fonte: autora da pesquisa

Cada temporada da série traz discussões em torno de diferentes problemas socioculturais e possibilitam dar visibilidade a diversas temáticas que afetam muitas pessoas, sobretudo, as mulheres, como: sexualidade, violência sexual, assédio, estupro, autocuidado, câncer de mama, maternidade, entre outras. As temáticas abordadas na série são discutidas a partir de uma perspectiva de desconstrução de tabus e normas hegemônicas, relações de poder, controle dos corpos das mulheres que, ainda, está muito presente na sociedade.

Neste trabalho, analisamos cenas do episódio 10 da primeira temporada da série *The Bold Type* que nos possibilitou perceber como esse artefato (re)produz sentidos e significados sociais construídos com relação as violências sexuais em distintos contextos socioculturais. Para Michel Foucault (2008) o discurso não apenas reproduz relações de poder, mas também é um espaço no qual essas relações se constituem e são disputadas, devendo ser analisado a partir de como se constituem.

A partir desse entendimento, os discursos não são apenas uma expressão de pensamentos, mas uma prática que produz saberes e verdades. Dessa forma, buscamos

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	2026 - Vol. 17 - Número 1
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	rev.edu.cult@cesg.edu.br

olhar nas narrativas da série não apenas o que é falado, mas que condições sociais possibilitaram que os discursos sobre violência de gênero e violência sexual emergissem neste artefato cultural. Nesse sentido, as práticas discursivas possibilitam investigar e tornar visíveis efeitos de verdades que governam e assujeitam o processo de construção de subjetivação das pessoas. Segundo Foucault (1996), o sujeito é constituído por meio das práticas discursivas instituídas por meio de relações de poder.

Nessa perspectiva, para Rosa Fischer (2001), a análise do discurso consiste em investigar não o que está por trás, os ditos, mas, as condições de existência de um determinado discurso, e/ou conjuntos de enunciados. Segundo a autora, os enunciados estão apoiados em um conjunto de signos caracterizados por quatro elementos: referente, sujeito, campo associado e materialidade específica. Desse modo, sua análise não se limita ao conteúdo do que foi dito, mas envolve a problematização da linguagem, do contexto histórico em que esse discurso foi construído e das relações que estabelece com diferentes campos do saber.

O episódio 10 da primeira temporada da série intitulado “carregue o peso”, marca o final da temporada e aprofunda os dilemas pessoais e profissionais das três protagonistas: Jane, Kat e Sutton. Neste episódio, Jane, resolve pedir demissão da revista *Scarlet* em consequência de uma proposta para trabalhar em outra revista. Durante a redação de sua última matéria para a revista dedica-se a escrever sobre a história de Mia, uma artista performática e ativista que compartilha sua experiência como vítima de violência sexual. A construção dessa matéria revela uma experiência pessoal de Jacqueline, editora-chefe da revista, que, ao final do episódio, relata também ter vivenciado uma situação de violência sexual.

A escolha deste episódio justifica-se por abordar de forma dinâmica e sensível a temática das violências sexuais também evidenciada na sociedade contemporânea como parte de um sistema discursivo legitimador de práticas de violências de gênero. Nesse rumo, os dados analisados foram produzidos a partir das cenas e das narrativas das personagens previamente selecionadas no episódio 10 da série. Após a exibição e a análise do episódio, foram transcritas as narrativas que mais se aproximavam do objeto deste estudo. Posteriormente, procedeu-se às análises e às problematizações do material, que foram organizadas em categorias analíticas. Desse modo, a seguir,

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	2026 - Vol. 17 - Número 1
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	rev.edu.cult@cesg.edu.br

apresentam-se as cenas selecionadas, seguidas das análises e problematizações delas decorrentes.

4 “CARREGUE O PESO”: REFLEXÕES E PROBLEMATIZAÇÕES ACERCA DAS VIOLÊNCIAS SEXUAIS

As cenas da série *The Bold Type* favorecem um exercício de problematização de diversas temáticas culturais, dentre elas as violências de gênero, em razão de veicularem o debate sobre misoginia, sexismo, violências, assédio, estupro, entre outros. Propomos aqui algumas análises de cenas que abordam a violência de gênero, salientando narrativas que possibilitam pensar as principais (des)construções provocadas por este artefato em relação às violências sexuais.

Para a primeira cena (figura 2), trazemos o diálogo entre Jane e Jaqueline, quando Jane decide escrever sobre a história de Mia Lawrence, ao ler a manchete “*Sobrevivente de estupro transforma sua frustração com sistema jurídico em arte*”.

Figura 2 - CENA 01: *The Bold Type*, Ep-10, 1ª temporada. (08 min).

	Jane: <i>Jaqueline, eu posso marcar um horário para falar com você? [...] Essa é uma conversa difícil pra mim.</i> Jaqueline: <i>Eu sei do que se trata, já imaginava isso. Eu vi você olhando para ela, a Mia Lawrence, é uma das primeiras histórias que lançou pra mim. Você quer saber por que nunca deixei você escrevê-la?</i> Jane: <i>Bom... Eu a vi no parque outro dia e sempre achei que ela seria uma história ótima para nós.</i> Jaqueline: <i>A história da Mia é incrível. É emocionante e muito complexa e eu achava que você não tinha experiência e nem habilidade para escrevê-la, mas o foco nela diminuiu bastante e você não está errada em querer relembra-la. Mas, eu ainda tenho minhas dúvidas em dar a história para você escrever. Eu vi você crescer muito desde que você chegou aqui e não estou criticando seu trabalho, para uma jornalista jovem, seu trabalho é incrível, mas uma coisa é você escrever sobre você, outra coisa é escrever sobre os traumas de outra pessoa.</i> Jane: <i>você acha que eu não consigo? Eu me sinto muito preparada e tenho plena confiança para lidar com a história dela.</i> Jaqueline: <i>tudo bem, você pode tentar!</i>
---	--

O diálogo das personagens refere-se à história de Mia Lawrence (Janny Brizard), uma artista ativista, sobrevivente de um estupro, que transforma seus traumas e suas frustrações com os sistemas judiciários em uma representação artística e de resistência ao ir diariamente para uma praça pública segurando uma balança, símbolo do poder judiciário, o qual busca ilustrar equilíbrio e igualdade em um julgamento. O ato de Mia é uma forma de manifestar sua indignação e repúdio ao estupro sofrido, mas principalmente, a ausência de políticas para punir agressores, bem como, reivindicar respostas do poder judiciário às vítimas de violências sexuais.

O papel da justiça é de grande importância no enfrentamento da violência de gênero. Entretanto, a autora Maria Dominici (2018) argumenta que os valores patriarcais impregnados em representantes da justiça, como: hierarquias nas relações de gênero, subordinação das mulheres, naturalização das violências de gênero, divisão sexual do trabalho, prejudicam os resultados dos processos e de julgamentos quando se tratam de crimes sexuais. Ademais, ainda prevalecem resquícios de uma cultura androcêntrica, misógina e machista na ciência e no pensamento jurídico, que reflete sobre as práticas jurídicas no julgamento de crimes sexuais praticados contra as mulheres (Dominici, 2018).

De acordo com Yany Assunção (2009), no Brasil, por exemplo, mesmo com a criação da Lei Maria da Penha, os pressupostos das decisões judiciais ainda são predominantemente os do patriarcado. Isso ocorre porque a cultura interfere diretamente na limitação do direito de acesso da mulher agredida ao pleno direito e à justiça, devido aos pré-julgamentos morais que, muitas vezes, culpabilizam as vítimas por agressão sofridas (Assunção, 2009).

Podemos entender a narrativa de Jaqueline, ao enfatizar a história de Mia *emocionalmente complexa*, pois envolve o sofrimento da vítima, do qual ninguém é capaz de mensurar, mas também fala de um silenciamento sobre casos de violências. Há uma tentativa de “abafar” muitas situações pela culpabilização da vítima, da minimização da gravidade da violência, das dificuldades em fazer a denúncia por vergonha ou por não ter o devido acolhimento. Assim, mesmo insegura, Jaqueline autoriza Jane a entrevistar Mia e a escrever o artigo para publicar na coluna da revista *Scarlat*, justamente, como forma de divulgar e dar maior visibilidade à história. A segunda cena (figura 3) acontece na praça, quando Jane procura Mia para tentar entrevistá-la.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	2026 - Vol. 17 - Número 1
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	rev.edu.cult@cesg.edu.br

Figura 3 - CENA 02: *The Bold Type*, Ep-10, 1ª temporada. (10 min)

	Mia: Oi, você veio trocar de turno? Jane: Eu não vim pra isso. Eu sou a Jane Sloan da revista <i>Scarlat</i>, gostaria de te entrevistar. Pode ser? Mia: Claro, eu não esperava falar isso, estou feliz que não seja uma vítima, mas eu estava querendo fazer uma pausa. Vamos conversar. Jane: se importa se eu gravar? Bom... Quando você começou, você chamou muita atenção? Mia: É, mas já diminuiu bastante. Jane: E o seu objetivo ainda é o mesmo? Nunca largar os pesos? Mia: Eu ainda acho que tem muitas mulheres como eu, que não consegue justiça, que talvez carreguem esse peso para sempre. Mas, sendo realista, vou ter que largar os pesos em breve. Jane: E quando será isso? Mulher: Dá licença, estou muito nervosa, podemos trocar os pesos? Mia: Eu te entendo! Eu acho que a minha dor é igual a tua...
---	--

A cena apresentada acima representa uma experiência vivenciada por muitas mulheres, isso também pode ser representado na cena quando Jane e Mia são interrompidas e surpreendidas por uma mulher que pede para trocar de lugar com Mia, para segurar os pesos, evidenciando que também sofreu algum tipo de violência sexual. O peso, na série, representa o fardo de conviver com o trauma, as dores (muitas vezes física e psicológica) provocadas por uma situação de agressão, além de sentimentos de tristeza, de medo e de insegurança causados pelo abuso sofrido.

Durante a cena apresentada anteriormente, também chama atenção quando outra jovem chega pedindo para trocar os pesos. Tal atitude representa o fato de que situações de violência sexual não acontecem como casos isolados, diversas mulheres são vítimas, tendo o Brasil como exemplo, cujos alguns dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública foram apresentados anteriormente, uma mulher é estuprada a cada seis minutos no país. A cena, além de demarcar a recorrência de casos de violência, busca demonstrar empatia e sororidade entre as vítimas, quando Mia diz “Eu te entendo! Eu acho que a minha dor é igual a tua”, possibilitando uma rede de apoio. Para Bacci (2020), a palavra sororidade significa a irmandade entre as mulheres, representado empatia e compromisso entre elas, independentemente de suas particularidades. Desse modo, a sororidade constitui aliança entre mulheres, resultando em uma rede de solidariedade, empatia, proteção e companheirismo.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	2026 - Vol. 17 - Número 1
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	rev.edu.cult@cesg.edu.br

Portanto, as mulheres se reconhecem na dor e nas barreiras enfrentadas no cotidiano da luta contra o machismo e, com isso, vivenciam uma espécie de inquietude diante do sofrimento uma da outra.

Desse modo, a sororidade contribui para que as mulheres se sintam fortalecidas, busquem representatividade nos espaços públicos e privados, e que denunciem todo tipo de violências contra as mulheres, seja em casa, no trabalho ou na sociedade no geral (Bacci, 2020).

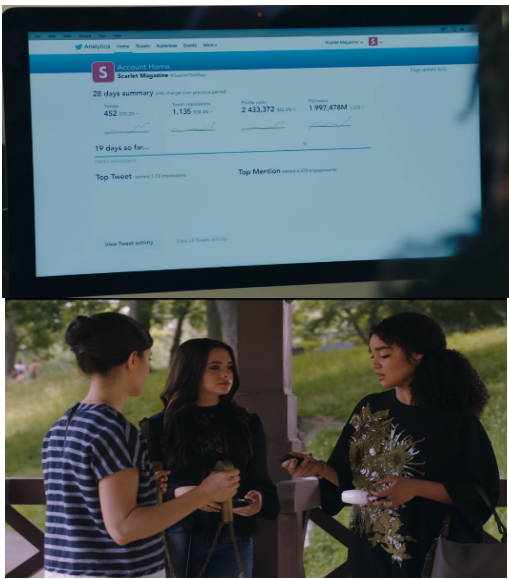
Na continuidade do episódio Mia descreve como ocorreu a violência sexual que sofreu, como afetou sua vida, deixando traumas, medos, inseguranças, dor e o peso de conviver com esses sentimentos diariamente. Ela enfatiza que a justiça falhou ao inocentar o estupro. A narrativa de Mia nos remete a um acontecimento verídico e que tomou as mídias no Brasil, o caso recente da atriz Klara Castanho, de 21 anos, que publicou uma carta aberta em suas redes sociais, relatando uma violência sexual sofrida por ela. Na carta⁵, a atriz destaca que foi o relato mais difícil de sua vida e que levaria essa dor e esse peso (do estupro) pelo resto da vida, e o quão difícil foi lidar com essa situação como *mulher, violentada primeiramente por um homem, e reiteradamente violentada por tantas outras pessoas que a julgam*.

Ao lembrar esse episódio, a atriz compara o estupro à sensação de morte, afirmando que algo morreu dentro de dela, e que não fez boletim de ocorrência por se sentir envergonhada e culpada. Ela ainda afirma que é impossível levar uma vida normal, pois os danos da violência lhe acompanham diariamente. Cabe enfatizar que a Klara divulgou essa carta após ter vazado informações sobre ela na *internet*, sem seu consentimento, e por ser uma pessoa pública ela relata que optou por utilizar as redes sociais também para dar visibilidade ao sofrimento gerado pela violência, além de servir de exemplo para outras mulheres.

Nesse contexto, as mídias sociais constituem outro aspecto importante para abordarmos as violências de gênero. No que perpassa o cenário do episódio de *The Bold Type* aqui analisado, as mídias sociais funcionaram como meio de dar visibilidade à ação de Mia na praça, conforme narrado na cena 03 a seguir.

⁵ KLARA CASTANHO: veja a íntegra da carta aberta sobre estupro, gravidez e adoção. G1, 26 jun. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2022/06/26/klara-castanho-veja-a-integra-da-carta-aberta-sobre-estupro-gravidez-e-adocao.ghtml>. Acesso em: 5 set. 2026.

Figura 4 - CENA 03: *The Bold Type*, Ep-10, 1ª temporada. (16 min).

	Jane: <i>Ei você está em quase dois milhões de seguidores [no Twitter da Revista Scarlet]. Quer usar isso para o bem?</i> Kate: <i>Sim!</i> Jane: <i>A gente quer usar uma Webcam para fazer uma live da sua arte e será transmitida para quase dois milhões de pessoas, você aceita?</i> Mia: <i>Nem todo mundo é como eu, e as pessoas que não querem aparecer na foto?</i> Katy: <i>Tem um botão onde a pessoa que não deseja aparecer, aperta e a câmera fica focada apenas nos pesos, não mostrando o rosto da pessoa [...] a internet tira o pior das pessoas, mas também pode ser usada para tirar o melhor.</i> Janes: <i>Você falou que as pessoas já não te dão tanta atenção e a gente quer te ajudar a mudar isso.</i> Mia: <i>Então, aceito!</i>
---	---

A proposta de realizar uma *live* para dar mais visibilidade à história da Mia destaca as redes sociais como um veículo de informações importante para evidenciar diferentes temáticas culturais. Segundo Carolina Galetti, (2014), a *internet* tem se configurado como espaço potente para discutir pautas feminista e dar notoriedade, às violências de gênero em distintos espaços, utilizando as redes sociais como ferramenta de comunicação, organização e propagação do movimento e reivindicações de direitos (Galetti, 2014).

Nesse contexto, as autoras Ana Crhistina Vanali, Adreia Kominek e Vanessa Bober destacam que, na sociedade contemporânea, a *internet* tem se configurado como um instrumento potente que fortalece as redes de comunicações, e, através dela, caracteriza-se a quarta onda do feminismo (Vanali; Kominek; Bober, 2022). A quarta onda está associada à era digital, posto que, sites de redes sociais têm potencializado a propagação de problematizações feitas pelo movimento feminista, que vem buscando contestar a misoginia, as práticas sexistas e demais tipos de desigualdade e de violências de gênero. Vale destacar que os feminismos, nas redes sociais, tomam grandes proporções, pois configuram um espaço político e de luta viabilizador da democratização do conhecimento, abrangendo a interação e participação de diferentes grupos sociais (Perez; Ricoldi, 2019).

Um exemplo disso é o movimento *#MeToo*, criado em 2006, por Tarana Burke, uma ativista social estadunidense, quando começou a usar a frase “Eu também” (*Me too*)

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	2026 - Vol. 17 - Número 1
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	rev.edu.cult@cesg.edu.br

para denunciar assédio e agressões sexuais. O movimento viralizou mundialmente em 2017, através das redes sociais, quando a atriz americana Alyssa Milano fez uma postagem na plataforma *twitter* com a *hashtag* *#MeToo*, denunciando uma violência sexual que ela havia sofrido durante gravações de um filme que trabalhou anos antes. Milano encorajou outras vítimas de assédio sexual a twittar sobre as agressões e assédios sexuais dando visibilidade a gravidade do problema. Assim, a *hashtag* foi mencionada mais de 12 milhões de vezes nas redes sociais mundialmente. O movimento, que começou local, conquistou e extrapolou a *internet*, reverberando na mídia tradicional, nos grandes eventos de premiações culturais e nas ruas, levando milhares de mulheres a denunciar publicamente os abusos que sofreram, dando destaque a questão e provocando um grande impacto global, gerando mudanças no combate do fenômeno das violências sexuais (Toledo Silva, 2024).

No Brasil, as redes sociais têm sido usadas frequentemente para denunciar violências contra as mulheres, tomando proporções nacionais, constituindo um meio de comunicação potente, que mobiliza a população por meio de movimentos e protestos para cobrar a penalização de agressores e para proteger vítimas, encorajando mulheres a denunciarem os machismos e todas as formas de violências (Vanali; Kominek; Bober, 2022). Vale enfatizar que, em 2020, na região do Cariri Cearense, houve também um movimento que ganhou repercussão nas redes sociais, especificamente, no *Instagram* e no *Twitter*, ficando conhecido pela *hashtag* *#ExposedCariri*. Esse movimento trouxe uma onda de denúncias de violências e assédios sofridos por mulheres e adolescentes ao longo dos anos, inclusive nos espaços escolares.

A *hashtag* trouxe à tona a questão da violência contra a mulher na região, mobilizando a sociedade em geral a cobrar respostas do poder judiciário e demais órgãos competentes sobre punições dos agressores desses crimes. Possibilitou, ainda, visibilizar as violências de gênero que, nesta região, não costumam ser debatidas devido aos tabus que cercam a temática em todas as suas nuances. A *#ExposedCariri*, teve uma dimensão política e feminista, configurando-se como espaço de expressão, de relatos de violências sofridas pelas mulheres, além de ser considerada uma rede de apoio às vítimas.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	2026 - Vol. 17 - Número 1
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	rev.edu.cult@cesg.edu.br

No mesmo período, surgiu também a *#ExposedFortal*⁶, em Fortaleza, em que alunas de escolas públicas e privadas denunciaram crimes sexuais, casos de assédios e pornografia virtuais, vivenciados nos espaços escolares, acadêmicos e outros lugares sociais. Violências essas praticadas inclusive por professores contra crianças muito pequenas de centros educacionais. Vale ressaltar que a “rede de apoio” não ficou delimitada à cidade, visto que a *hashtag* espalhou-se pelo país e muitas meninas começaram a compartilhar suas experiências traumáticas de assédio e outras violências.

Dando seguimento às análises, apresentamos a última cena, quando Jane ao checar a *live* observa que Mia continua segurando os pesos sozinha, em seguida, ela sai da festa revista *Scarlat* e vai para o parque encontrá-la. Kate e Sutton também decidem ir ao encontro de Jane e Mia no parque, logo em seguida, Jaqueline olha a *live* e, ao vê-las reunidas decide ir até lá também. Ao chegar no parque, Jaqueline surpreende a todas pedindo para trocar os pesos com Mia, manifestando assim, que também sofreu violência sexual. Em seguida, Jaqueline relata sua experiência, conforme a seguir (figura 05).

Figura 5 - CENA 04: *The Bold Type*, Ep-10, 1ª temporada. (34 min).



tarde. Disse que queria me ajudar com a minha história, falou que tinha potencial, mas que precisávamos trabalhar mais e eu aceitei. Com gratidão! Não era bem um convite, mas ele levou como se fosse. E aí tinha eu e ele no escritório naquela noite e... Eu nunca me senti tão vulnerável.

Jaqueline: *Trabalhamos em uma revista juntos e ele era meu superior. Então, todas as minhas histórias teriam que passar por ele, e isso já faz mais de 20 anos. Era meu primeiro ano como jornalista e o campo era muito duro para todo mundo, mas, principalmente, para mulher. O respeito profissional dele significava muito pra mim.*

Jane: *O que aconteceu?*

Jaqueline: *Uma noite ele pediu para eu ficar até mais*



⁶ EXPOSED FORTAL: Ministério Público já denunciou 15 pessoas por crimes sexuais denunciados pelas redes sociais. **G1**, 27 set. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2021/09/27/exposedfortal-ministerio-publico-ja-denunciou-15-pessoas-por-crimes-sexuais-denunciados-pelas-redes-sociais.ghtml>. Acesso em: 5 set. 2026.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	2026 - Vol. 17 - Número 1
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	rev.edu.cult@cesg.edu.br



Jane: Você já pensou em prestar queixa?

Jaqueline: Nem por um segundo. Teria acabado com minha carreira ou no mínimo teria definido ela. Então, eu fiz uma escolha e decidi colocar tudo debaixo do tapete. E fingir que nada tinha acontecido.

Jane: Você contou para alguém?

Jaqueline: Pro Ian (meu esposo), a gente começou a sair logo depois e ele precisava saber, porque eu tinha problemas de confiança.

Jane: Só mais uma pergunta. Porque isso agora?

Jaqueline: A Mia perguntou, se ela voltaria a se sentir normal de novo. Eu só posso falar da minha experiência. Mas eu diria que a resposta é não. Mas você encontra um novo normal e é tão certo que às vezes você nem se lembra que não é. Acho que eu não tinha percebido quanto peso eu ainda carregava. Jaqueline desliga o gravador.

Jaqueline narra à violência sexual sofrida por seu superior, evidenciando uma relação que, na perspectiva de Foucault, pode ser compreendida como saturação e abuso do poder, uma vez que age sobre o corpo da vítima, restringindo suas possibilidades de resistências e de reações (Foucault, 1994). Ao destacar que estava no início da carreira e que o reconhecimento profissional de seu chefe era determinante para sua trajetória, a personagem evidencia como a assimetria de poder favorece a violência e produz seu silenciamento, já que denunciar significaria colocar em risco sua carreira.

A cena demonstra que a violência sexual extrapola o ato em si, sustentando relações de dominação que perpetuam a submissão das mulheres. Na compreensão de Jaqueline, a denúncia significaria uma barreira que resultaria na limitação ou definição da ascensão de sua carreira profissional. Tal cenário fez com que a vítima se calasse diante daquela situação, buscando um “novo normal” e convivendo com o “peso” e os traumas do abuso que vivenciou. Além disso, a vítima destaca o sentimento de culpabilização que dificulta no momento da denúncia, visto que, na sociedade, ainda perpetua uma cultura do estupro que culpabiliza as mulheres pelas violências sexuais sofridas. Angelica Ilacqua, argumenta que “na lógica machista a culpa é sempre da mulher, enquanto seus abusadores se protegem por meio de argumentos que buscam justificar ou incriminar as vítimas” (2023, p. 60).

Tal cenário torna a vítima vulnerável, a dificuldade em confiar em novas relações fica evidente quando Jaqueline relata sobre os problemas de desconfiar no relacionamento com seu esposo. Nesse contexto, conforme Angelica Ilacqua (2023), dentre possíveis traumas, estão à dificuldade de manutenção de relacionamentos sociais

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	2026 - Vol. 17 - Número 1
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	rev.edu.cult@cesg.edu.br

saudáveis, desenvolvimento de bloqueios psicológicos, dificuldades para demonstrar afetividade e reconhecer um amor acolhedor sem violências, corroborando com o que foi relatado pela personagem Jaqueline.

Cabe destacar ainda, que o machismo impacta diretamente no mercado de trabalho, manifestando-se por meio de discriminação, de violência sexual e de assédio moral e sexual. Segundo dados brasileiros do Tribunal Superior do Trabalho (TST), foram registrados mais de 22 mil casos de assédios moral e sexual entre 2015 e 2018. Em relação ao assédio moral, 52% das vítimas afirmaram ter sofrido esse tipo de violência no ambiente de trabalho, além disso, os dados mostram que 28% das mulheres já deixaram seus empregos por conta de assédio sexual. Olhar esses números possibilita entender que as diferentes formas de violências dificultam, e, muitas vezes, impedem que mulheres se sintam seguras no ambiente de trabalho, afetando significativamente sua produtividade e sua capacidade de progredir na carreira (Ilacqua, 2023).

Dado o exposto, torna-se urgente e necessário que empresas criem mecanismos eficazes para combater todo tipo de violência. Outrossim, evidencia-se a imprescindibilidade de se proporem campanhas que visem desconstruir o machismo, de se desnaturalizar a cultura do estupro, promovendo um ambiente de trabalho seguro, respeitoso, bem como de se disponibilizar canais de denúncias agindo no enfrentamento de diferentes tipos de violência.

Diante das cenas apresentadas e problematizadas, em articulação com os dados sobre as violências discutidos ao longo deste estudo, foi possível compreender que a série retrata uma problemática amplamente presente na realidade social, evidenciando como as violências de gênero, os assédios, os estupros e outras manifestações do machismo atravessam diferentes espaços socioculturais e impactam a vida de inúmeras mulheres. Ademais, o artefato cultural evidencia a relevância da sororidade e da construção de redes de apoio entre mulheres como estratégias de acolhimento, fortalecimento e enfrentamento das violências, possibilitando o compartilhamento das experiências e a ressignificação dos “pesos” e dos traumas delas decorrentes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As cenas do episódio 10 da primeira temporada da série *The Bold Type*, analisadas nesta pesquisa, tensionam reflexões acerca das violências sexuais ao relacionar o

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	2026 - Vol. 17 - Número 1
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	rev.edu.cult@cesg.edu.br

artefato cultural com experiências vivenciadas no cotidiano social, através da narrativa de mulheres que sofrem violências, possibilitando reflexão sobre suas emoções, dilemas e medos. Este artefato cultural, como ferramenta pedagógica, implica processos de subjetivação, contribuindo para os modos de percepção do mundo, dos outros e de si. Nessa perspectiva, esse artefato instiga questionar como o fenômeno das violências de gênero se (re)produz na sociedade. Dessa forma, as violências abordadas na série representam realidades do cotidiano de muitas mulheres, a culpabilização da vítima, o silenciamento jurídico e institucional do tema, e propõe alternativas de resistência e de sororidade.

Outros aspectos problematizados na pesquisa foram o machismo, e a naturalização da cultura do estupro, que contribuem para a disseminação e (re)produção dessas violências, posto que reforçam a ideia de dominação masculina e a subordinação feminina. Portanto, foi possível nessa pesquisa problematizar as relações de poder e a dominação masculina que contribuem para as desigualdades de gênero e favorecem a (re)produção das violências sexuais. Além disso, o artefato sinaliza diversas pistas e múltiplas possibilidades para combater e desconstruir práticas machistas e violências no cotidiano feminino, a partir da visibilização da voz das mulheres, ao reivindicarem o direito de falar de suas experiências e seus sofrimentos, bem como do apoio entre as mulheres, além da problematização da cultura do estupro. Para tanto, o episódio analisado destacou a importância dos movimentos feministas e da *internet* como meio potente para denúncias de assédios e violências sexuais, assim como vem acontecendo a partir de movimentos como o *#MeToo*, e os *Exposeds* que foram disseminados visando mobilizar a população para que haja cada vez mais denúncias e maior cobrança da penalização de agressores, buscando proteger vítimas e combater as violências.

Ademais, por meio das análises, foi possível perceber a importância da sororidade entre as mulheres na série, um exemplo disso foi o envolvimento e apoio das mulheres com Mia, ação que encorajou Jaqueline a compartilhar sua experiência com a violência sexual, sentindo-se segura e, talvez, pela primeira vez, sem culpa, podendo falar da violação sofrida, buscando lidar com o “peso” e com os traumas ocasionados na sua vida pessoal e profissional.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feminista**; um manifesto. Editora Schwarz s.a. rua Bandeira Paulista, 2017.

ANDRADE, Paula Deporte; COSTA, Marisa Vorraber. Usos e possibilidades do conceito de pedagogias culturais nas pesquisas em estudos culturais em educação. **Textura, Canoas**, v. 17, n. 34, p. 48-63, 2015.

ASSUNÇÃO, Any Ávila - **A tutela judicial da violência de gênero: do fato social negado ao ato jurídico visualizado**. Tese de doutorado em Sociologia. UnB. 2009.

BACCI, C. A. Ahora que estamos juntas: memorias, políticas y emociones feministas. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 28, n. 2, e72446, 2020. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2020000200602&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 25 outubro 2020.

BALISCEI, João Paulo; CALSA, Geiva Carolina; JORDÃO, Victor Hugo. O Homem-Malbec e a construção visual da masculinidade. **TEXTURA-Revista de Educação e Letras**, v. 18, n. 37, 2016.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Nova Fronteira, 1980.

BUJES, Maria Isabel. Descaminhos. In: **Caminhos investigativos II**: novos modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Costa Marisa V. (org.); Alfredo Veiga Neto... [et. al.]. – Rio de Janeiro: DP&a, 2002.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Editora José Olympio, 2018.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DOMINICI, Maria Celeste Macedo. Violência de gênero e desconstrução de crenças. **Companhia de Planejamento do Distrito Federal–Codeplan**, n. 54, 2018.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa**, Rio de Janeiro, n. 114, p. 197-223, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Dits et Écrits 1954-1988**, v. IV:1980-1988 [DE IV]. Daniel Defert e François Ewald (eds.). Paris : Gallimard, 1994.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	2026 - Vol. 17 - Número 1
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	rev.edu.cult@cesg.edu.br

FURLANI, Jimena. **Mitos e tabus da sexualidade humana**: subsídios ao trabalho em educação sexual. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

GARCIA, Luiz Carlos. **Cultura do estupro**: Machismo e as raízes da violência de gênero no Brasil. In: Diké: Revista Eletrônica de Direito, Filosofia e Política do Curso de Direito da Fundação Presidente Antônio Carlos – FUPAC – Unidade Itabirito. 2018 Rua Cecília Almeida da Rocha, n. 291, Novo Itabirito - Itabirito/Minas Gerais.

GALETTI, Camila Carolina. Feminismo em movimento: A Marcha das Vadias e o movimento feminista contemporâneo. **Anais do 18º Encontro da REDOR**. Recife: UFRPE, 2014.

ILACQUA, Angelica. **Agora tudo é machismo?** /QoT. Bauru, SP: Astral Cultural, 2023.

LAURETIS, T de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, H. B. de (org.). **Tendências e impasses**: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. **Flor de açafrão: takes, cuts, close-ups**. Autêntica, 2017.

MAGALHÃES, Joanalira Corpes; RIBEIRO, Paula Regina Costa. Algumas possibilidades para a promoção de uma educação para a sexualidade. **Diversidade e Educação**, v. 1, n. 1, p. 45-46, 2013.

MEYER, Dagmar E. Teorias e políticas de gênero: fragmentos de histórias e desafios atuais. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 57, n. 1, p. 13 -18, jan./fev. 2004.

MEYER, Dagmar Estermann. gênero e educação: teoria e política. In: **Corpo gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**/guacira Lopes Louro, Jane Felipe, Silvana Vilodre Goellner (organizadoras). 4ed.– petropóles, 2008.

MEYER, Dagmar Estermann. Corpo, violência e educação: uma abordagem de gênero. **Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação, Unesco, p. 213-33, 2009.

MEYER, Dagmar E. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S.V. (Orgs.). **Corpo, Gênero e Sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 9.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 11-29.

MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Org.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, p. 173-194, 2014.

PEREZ, Olívia Cristina; RICOLDI, Arlene Martinez. A quarta onda feminista: interseccional, digital e coletiva. In: **Anais do 10º Congresso Latino-americano de Ciência Política (ALACIP)**, 2019.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	2026 - Vol. 17 - Número 1
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	rev.edu.cult@cesg.edu.br

PINTO, Célia Regina Jardim. Feminismo, história e poder. **Revista de sociologia e política**, v. 18, n. 36, p. 15-23, 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3.ed. 2015.

SOUZA, Babi. **Vamos juntas?**: o guia de sororidade para toda. 1a Ed. Rio de Janeiro: Galera Record, 2016.

TOLEDO SILVA, Aline. Movimento #MeToo: história, participação e conquistas das mulheres. **Revista de Gênero, Sexualidade e Direito**, Florianópolis, Brasil, v. 10, n. 1, 2024. DOI: 10.26668/2525-9849/Index_Law_Journals/2024.v10i1.10484. Disponível em: <https://www.indexlaw.org/index.php/revistagsd/article/view/10484>. Acesso em: 3 jan. 2025.

VANALI, Ana Crhistina; KOMINEK, Andrea Maila Voss; BOBER, Vanessa Vargas. A luta contra o patriarcado: uma revisão histórica dos movimentos feministas. **Revista Ártemis**, vol. XXXIII nº 1; jan-jun, 2022. pp. 342-359.